

10 A CIBERCULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES EM NOSSAS MANEIRAS DE SER, PENSAR E AGIR

Marco Antônio Sousa Alves

Nietzsche a découvert que l'activité particulière de la philosophie consiste dans le travail du diagnostic: que sommes-nous aujourd'hui? Quel est cet "aujourd'hui" dans lequel nous vivons?

M. Foucault, Dits et Écrits, « Qui êtes-vous, professeur Foucault ? », 1967.

Muitas foram as transformações provocadas pelas novas tecnologias da informação em nossas vidas, e muitas ainda parecem estar por vir. Essas transformações, extremamente complexas e recentes, atraem a atenção de diferentes áreas do conhecimento e, embora muito já tenha sido escrito sobre o tema, pouco sabemos sobre suas infindáveis repercussões. Diante desse desafio, creio ser preciso realizar um diagnóstico desse acontecimento, o que pode ser feito focalizando as transformações na ordem do discurso, nas tecnologias de poder e nas práticas em si, seguindo os passos dados por Foucault em suas análises genealógicas. Entendo que essa via de investigação pode ser extremamente frutífera, razão pela qual venho me dedicando a isso faz três anos em minha pesquisa de pós-doutorado, como bolsista PNPd/Capes, realizada no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste texto, gostaria de expor as linhas gerais dessa pesquisa e alguns de seus resultados provisórios, haja vista que se trata de um projeto ainda em andamento.

Nas investigações genealógicas conduzidas por Foucault a partir dos anos 1970, especialmente no domínio da punição e da sexualidade,

cujos resultados estão em *Vigiar e punir* (1975) e no primeiro volume da *História da Sexualidade: a vontade de saber* (1976), encontramos uma boa demonstração de como relacionar sujeito e poder no sentido de realizar um diagnóstico crítico das maneiras de ser, de pensar e de agir que são ainda, em grande medida, as nossas. Nessas obras, Foucault ateu-se a domínios históricos mais delimitados, desenvolvendo aquilo que chamou de "história do presente", ou seja, uma investigação do passado nos termos do presente, que parte de uma "urgência" de nosso tempo. Mas, em outros momentos, como em diversas entrevistas e palestras publicadas nos *Ditos e escritos*, assim como em algumas aulas proferidas no Collège de France, vemos Foucault focalizar o presente diretamente e traçar algumas linhas de atualização a partir das investigações genealógicas. Tomando o presente como o problema filosófico por excelência, Foucault chegou a definir a filosofia como um diagnóstico da atualidade, de modo que o filósofo poderia ser visto como um jornalista, cujo interesse seria dirigido àquilo que está ao seu redor e que se passa no mundo. É esse tipo de esforço que pretendo realizar nesta pesquisa.

Essas linhas de atualização, contudo, não devem assumir um caráter prescritivo e nem se tornar um exercício de futurologia, seja ele nostálgico, catastrófico ou libertário. A dimensão crítica não residirá em assumir a posição de um legislador ou de um profeta, que ditará regras ou preverá o futuro. A ingenuidade de uma libertação plena e definitiva será substituída por uma postura mais sóbria e modesta, digna daquilo que Foucault chamou de intelectual específico, que reconhece o caráter regional de sua crítica e o fato de estarmos sempre inseridos em uma contínua experiência de lutas e transformações parciais, nas quais, entretanto, a liberdade sempre terá seu lugar, uma vez que está aberta permanentemente a possibilidade de deixarmos de ser aquilo que somos.

Seguindo a trilha aberta por Foucault, algumas questões colocam-se para nós hoje. De que maneira o advento da internet e do meio digital transformam o nosso mundo e a nós mesmos? Uma nova cultura parece emergir, chamada de cibercultura, entendida como uma formação histórica, um conjunto de práticas e representações que se baseiam nas redes telemáticas e que se desenvolvem com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias da informação. Para além do espaço virtual dos computadores e das redes globais, estamos diante de uma cultura marcada pela ubiquidade. A internet e as informações digitais

estão presentes no tablet, no celular, no carro, no relógio de pulso, nos óculos, em praticamente todo lugar e o tempo inteiro, misturando-se e constituindo uma nova experiência com o mundo que nos cerca. Diversas questões surgem nesse contexto. Quais são as repercussões cognitivas, políticas e éticas desse processo? Ou seja: como nossa maneira de pensar e nossas habilidades cognitivas são alteradas pelas novas práticas do mundo digital? Qual é o regime de poder instaurado por essa nova ordem e como ele funciona? E quais as posições-sujeito emergentes?

As questões acima apontam para três domínios distintos, centrais na tradição filosófica, para os quais a pesquisa vem sendo direcionada: o cognitivo, o político e o ético. Em suma, o interesse recai sobre a maneira como pensamos, o modo como o poder funciona e as novas formas de constituição do sujeito contemporâneo. Sobre cada um desses pontos, gostaria de tecer breves comentários na sequência deste texto, com o fim de apresentar as principais questões envolvidas, indicar alguns estudos relevantes e apontar para algumas teses provisórias.

1 As habilidades cognitivas: transformações na maneira de pensar

Em suas investigações, desde a fase arqueológica dos anos 1960, Foucault sempre demonstrou grande interesse pelos limites do pensamento humano, pela questão da transgressão e da emergência de novas maneiras de pensar. Seu interesse pela loucura, pelas experiências radicais com a linguagem ou ainda pelos discursos anônimos pode ser inserido nessa busca incessante pelo "outro", por novas experiências transformadoras, que alternam nosso jeito de ser, de pensar e de agir. Em suas pesquisas ditas genealógicas, Foucault ressaltou insistentemente a contingência de nosso modo de pensar, em associação com as práticas e com a materialidade dos discursos. Em suma, o pensamento está longe de ser uma faculdade inata do homem. Pensar é, antes, uma atividade dinâmica, moldada culturalmente e sempre limitada por procedimentos os mais variados, que, ao mesmo tempo que abrem possibilidades, também excluem e impedem que muitas coisas sejam pensáveis.

É um tema muito discutido atualmente o impacto que as transformações na cultura escrita (especialmente as novas práticas de leitura), nos suportes físicos e na organização e circulação textual poderiam ter

nas capacidades intelectuais das novas gerações. Ao longo da história, mudanças dessa natureza são frequentemente acompanhadas por um sentimento de temor, pelo medo da perda, do esquecimento e do caos. Foi assim com a introdução da escrita, com a impressão industrial e, hoje em dia, com a internet e o meio digital. Nesses contextos de transformação, é comum opiniões dividirem-se entre os nostálgicos, que ressaltam as perdas envolvidas, e os entusiastas do futuro, que apontam para os ganhos e as novas possibilidades abertas.

Sobre as mudanças em curso nos dias atuais no campo das habilidades cognitivas, temos de um lado os tecnófilos, como Pierre Lévy, e de outro os tecnófobos, como Nicholas Carr. O primeiro, um filósofo francês que ficou conhecido por sua análise entusiasmada da nova *cibercultura*, apontou ainda nos anos 1990 para as novas práticas do mundo virtual e suas possibilidades libertadoras, especialmente no campo do saber, no qual aposta no saber-fluxo, nas árvores de conhecimento e na inteligência coletiva (LÉVY, 1990; LÉVY, 1992; LÉVY, 1994; LÉVY, 1997). Já o segundo, um escritor norte-americano que ficou famoso com seu livro *A geração superficial*, finalista do prêmio Pulitzer de 2011, traça um cenário desolador no qual o intelecto humano é amplamente alterado, em razão da neuroplasticidade, pelos novos artefatos e práticas, fazendo com que as novas gerações sejam mais superficiais, na medida em que seus cérebros, estimulados a multitarefas e submetidos a uma sobrecarga cognitiva que suscita a distração e o consumo insano de informação, perdem valiosas habilidades de concentração, de memória de longo prazo e de pensamento mais aprofundado (CARR, 2011).

Independentemente da valoração que podemos fazer das transformações em curso, como positivas ou negativas para o intelecto humano, parece-me que o primeiro desafio consiste em descrever o que se passa e qual seu impacto em nossa maneira de pensar. Nesse sentido, é cada vez mais consensual que as chamadas "tecnologias intelectuais", entendidas como ferramentas que usamos para estender ou dar suporte aos nossos poderes mentais, como foram os relógios, os mapas e os livros no passado, e são hoje o celular e a internet, possuem um impacto decisivo em nossas habilidades cognitivas, ou seja, em nossa capacidade de encontrar, classificar e interpretar informações, formular e articular ideias, fazer medidas e realizar cálculos, expandir a capacidade de memória, ocupar nossos sentidos e direcionar a nossa atenção, etc. Na medida em que

nossas maneiras de pensar modificam-se em função das ferramentas que usamos, podemos falar em uma espécie de história cultural e intelectual.

Cada vez mais as novas gerações dão sinais de uma clara alteração cognitiva em relação aos hábitos mentais característicos da cultura escrita reinante até recentemente. Novas habilidades e perspectivas são adquiridas, enquanto outras se enfraquecem e correm o risco de serem praticamente perdidas. De fato, as novas gerações estão sendo expostas a uma sobrecarga de informações nunca antes vista, estimuladas a realizar leituras extensivas cada vez mais fragmentadas e próximas da navegação errante e da varredura, em uma velocidade cada vez maior, capazes de realizar múltiplas tarefas simultaneamente e de manterem diversos focos de atenção ao mesmo tempo. Não é difícil perceber essas mudanças nos mais jovens, especialmente por aqueles que trabalham na área da educação.

Prefiro não julgar esse processo como muitos fazem precipitadamente, tomando-o por libertador ou catastrófico. Muitas são as possibilidades que se abrem, de interações entre antigas e novas habilidades cognitivas, assim como de ganhos e perdas os mais variados. Se não é fácil traçar um quadro exato dos processos em curso, mais difícil ainda é preferir uma sentença condenatória. Por exemplo, como podemos avaliar a passagem da oralidade primária para a cultura escrita? Houve perda ou ganho para o intelecto humano? Não é possível oferecer uma resposta simples e direta para essa questão, o mesmo podendo ser dito para os dias atuais. Ainda que haja perdas envolvidas no processo, talvez irrecuperáveis, é preciso considerar que sempre foi assim ao longo da história e que é uma postura parcial e ingênua condenar o presente à luz de um passado em geral mitificado, visto como mais originário, rico e profundo. Devemos sim analisar criticamente as transformações em curso, mas sem idealizar o passado ou o futuro. Nossas habilidades cognitivas estão em constante alteração, novas competências são adquiridas e outras são reduzidas ou desaparecem, mas não devemos perder de vista que continuamos a ser limitados cognitivamente e é ingênuo crer na plenitude do pensar humano, o que nos leva a tomar distância tanto dos otimismo futuristas, quanto dos pessimismos passadistas. É provável que as transformações em curso nos façam pensar diferentemente, e o desafio inicial consiste em discernir melhor esse "outro".

++

Não mudou tempo...

++

2 O ciberpoder: transformações no modo de funcionamento do poder

Michel Foucault é talvez o filósofo do século XX que mais contribuiu para a compreensão de como o poder funciona nas sociedades modernas. Investigando os mecanismos, os efeitos e as relações dos dispositivos de poder na dinâmica social, Foucault descreveu duas tecnologias de poder que teriam emergido nos séculos XVIII e XIX: a disciplina e a biopolítica. Quanto aos dispositivos disciplinares, Foucault dizia que tinham por objeto os indivíduos, no sentido de adestrá-los ou docilizá-los, realizando uma apropriação exaustiva dos corpos, dos gestos, do tempo e do comportamento. Já os dispositivos de segurança ou biopolíticos estariam relacionados, de acordo com Foucault, à maneira de se governar populações a partir de fenômenos demográfico-biológicos, uma espécie de gestão global da vida com o fim de regular e controlar as massas. Juntas, a norma da disciplina (a anatomopolítica do corpo humano) e a norma da regulação (a biopolítica da população) conformariam os mecanismos básicos de funcionamento do poder nas sociedades modernas de normalização (FOUCAULT, 1975; FOUCAULT, 1976; FOUCAULT, 1997; FOUCAULT, 2004).

Partindo dessas análises desenvolvidas por Foucault, a presente pesquisa pretende investigar como o poder funciona contemporaneamente, especialmente por meio da internet e do meio digital. Entendo que as novas tecnologias da informação retomam e modificam os dispositivos disciplinares e biopolíticos, dando forma a uma nova tecnologia de poder que chamarei de ciberpoder, entendido como uma nova estratégia geral de funcionamento do poder que se vale dos novos meios tecnológicos para ser exercido. O prefixo “ciber-”, derivado de cibernética (que vem do grego κυβερνητικός e significa a habilidade de navegar ou governar), tem sido comumente empregado para descrever novas entidades ou eventos que ocorrem no ciberespaço, entendido como o ambiente que emerge da interação entre máquinas por meio da internet e do meio digital. Juntamente com o fenômeno do ciberespaço, entendo que é preciso analisar os novos mecanismos de poder emergentes, isso porque o aumento das conexões, da infraestrutura e da vida on-line produzem transformações nas estratégias de vigilância e controle, dando origem a formas inéditas de dominação e também a novos conflitos e lutas de resistência.

Aproximando-o ao poder disciplinar, podemos dizer que o ciberpoder é marcado por uma espécie de agenciamento total panóptico, o que pode ser percebido por, pelo menos, três aspectos salientes. Em primeiro lugar, o ciberpoder intensifica o efeito panóptico da transparência, o que passa a ser feito não mais pelo isolamento dos indivíduos submetidos ao seu poder, mas sim por meio da hipercomunicação. Quanto mais conectados estamos, mais visíveis e conhecidos nos tornamos, o que permite que empresas como a Google ou o Facebook tenham um conhecimento detalhado de cada um de seus bilhões de usuários e produzam assim relevância e publicidade direcionada (DEIBERT, 2013, p. 103-111; PARISER, 2012, p. 25-46). Em segundo lugar, verificamos no ciberpoder o nascimento de uma forma inédita de exame ininterrupto e de confissão, especialmente nas redes sociais, nas quais os indivíduos se exibem e se oferecem como um objeto transparente para a observação. Em troca de certos serviços, fornecemos uma enorme quantidade de dados sobre nós mesmos e, quanto mais nos mostramos, menos sabemos sobre como essas informações são armazenadas, monitoradas e utilizadas (DEIBERT, 2013, p. 29-49; LEMOS, 2010; PARISER, 2012). Em terceiro lugar, o ciberpoder é também marcado pela aceleração da estigmatização dos mecanismos disciplinares, por meio de novos procedimentos de cibercontrole e de espionagem internacional, como ficou evidenciado nas recentes revelações feitas por Edward Snowden, ex-agente da CIA e da NSA (Agência Nacional de Segurança) (HARDING, 2014).

Como também ocorria nos dispositivos de segurança ou biopolíticos, também no ciberpoder verificamos o esforço de inserir o comportamento dos usuários no interior de séries de probabilidades, realizando cálculos e fixando médias a partir de algo dado, que é o fluxo das informações na internet. Agindo assim, espera-se gerir o futuro, direcionando as ações humanas no sentido desejado. Sob a aparente liberdade dos usuários na internet entra em funcionamento um sofisticado aparato de governo. Todas as nossas "pegadas" ou "rastros" digitais são hoje coletados, integrados e sistematizados no seio de um imenso registro que vem sendo chamado de big data ou "megadados", permitindo que nossos fluxos de informação sejam monitorados e utilizados sistematicamente. No ciberpoder vemos funcionar diferentes processos de forma coordenada, como a vigilância de dados (dataveillance), que pode se valer de diferentes táticas (centralizadas ou difusas, estatais ou participativas),

a mineração de dados (data mining), uma técnica estatística usada de forma sistemática, automatizada e em grande escala, e a produção de perfis computacionais (profiling), que consiste na elaboração de perfis de usuários no nível do rastro digital, baseando-se em padrões de comportamento e regras de correlação, dispensando qualquer identificação individualizada. O perfil atua, assim, como uma espécie de individualização algorítmica ou combinatória, categorizando uma conduta e simulando comportamentos futuros, sendo capaz de agir sobre as ações futuras dos indivíduos, limitando ou incitando (BRUNO, 2013, p. 123-180).

Essa nova tecnologia de poder é marcada pelo desenvolvimento dos códigos, entendidos como regras técnicas ou algoritmos que estabelecem o que pode ou não ser feito no ambiente digital, em substituição às leis e às normas, fazendo emergir novas formas de dominação e resistência (LESSIG, 2006; LEMOS, 2005). O movimento hacker, ao explorar os limites e as possibilidades dos sistemas técnicos de modo a permitir novos usos e experimentações, é aquele que melhor exemplifica esse novo tipo de resistência (DEIBERT, 2013, p. 217-231; HIMANEN, 2001).

Nesse domínio das resistências e da nova dinâmica política nas sociedades interconectadas, muitos estudos vêm sendo realizados acerca dos novos movimentos sociais que se articulam pelas redes e têm nos novos dispositivos móveis um instrumento essencial para seu funcionamento. Esses novos movimentos exemplificam bem a hibridização entre o real e o virtual, posto que não vivemos ora em um mundo, ora no outro, na rua, ou na rede. Nossa experiência (inclusive política) é cada vez mais atravessada por essas duas dimensões. Ao agirmos politicamente, oprimindo ou resistindo, discriminando ou incluindo, informando ou desinformando, estamos cada vez mais atravessados pelo mundo digital. Uma verdadeira batalha vem sendo travada nas redes sociais e fora delas, dando forma ao que vem sendo chamado de "guerra em rede" (netwar), na qual milhares de narrativas produzidas pelos próprios usuários entram em disputa (MALINI; ANTOUN, 2013).

Os novos movimentos sociais de resistência assumem a forma de uma insurgência conectada da multidão, marcada, segundo Antonio Negri e Michael Hardt, pela inteligência do enxame. Vistos de fora, os novos movimentos parecem informes, sem qualquer organização, completamente espontâneos e anárquicos, mas, ao serem vistos do interior da rede, percebemos que esses movimentos são organizados, racionais e criativos,

possuindo outra inteligência, a do enxame, baseada fundamentalmente na comunicação (HARDT; NEGRI, 2005). Estudando a Primavera Árabe, os indignados na Espanha e o *Occupy Wall Street*, Manuel Castells também tentou entender esses novos movimentos, ressaltando o fato de se valerm de vários suportes, de passarem pelas redes sociais ao mesmo tempo que ocupam espaços urbanos, de serem simultaneamente locais e globais, de terem por origem uma pequena centelha de indignação (como foi o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo em 2013), de serem virais, de não possuírem lideranças claras, e de serem movidos por demandas múltiplas que não se ordenam em uma pauta bem definida (CASTELLS, 2013; SILVA, 2014).

3 O sujeito digital: transformações na constituição dos sujeitos

As investigações genealógicas conduzidas por Foucault relacionam sempre o poder com a constituição dos sujeitos, mostrando como o sujeito é fabricado historicamente no seio de relações específicas. As transformações no domínio do saber e do poder produzem novos “modos de ser” e afetam os processos nos quais alguém se torna o que é. Longe de ser algo fixo, a subjetividade é compreendida como um modo de ser e estar no mundo, uma experiência de si contingente, estando o campo da experiência subjetiva em constante mutação. Sendo assim, em tempos de ciberpoder, como foi delineado acima, um novo “sujeito digital” também emerge.

Em um instigante estudo sobre a subjetividade contemporânea, intitulado *O show do eu*, Paula Sibilia defende que vivemos hoje a transição da subjetividade moderna, vista como interiorizada, introdirigida, introspectiva e intimista, em direção a uma nova forma de autoconstrução de si, que é exteriorizada e alterdirigida. A internet é tomada como um terreno propício para a experimentação e a criação de novas subjetividades. Cada um passa a construir uma personagem estilizada de si mesmo e a exibir-se nas redes. Diferentemente da prática moderna do diário e íntimo, típica de um sujeito que se supunha dotado de vida interior e que se voltava para dentro de sua interioridade psicológica, essas novas narrativas de si são caracterizadas pelo exibicionismo triunfante, típico de uma construção de si orientada para e pelos outros, movida por novas

habilidades de autopromoção de si que constroem um espetáculo do próprio eu. Em suma, o sujeito digital é resultado de uma estilização da própria vida, ele assume identidades descartáveis e age como se estivesse sempre atuando, visando a produzir o efeito desejado. À medida que essas práticas tornam-se mais abrangentes, a tendência é que as fronteiras entre o público e o privado sejam borradas, e a distinção entre o eu interior/autêntico e o eu exterior/aparente torne-se cada vez mais indistinguível, a ponto de se confundirem completamente. Em suma, estamos diante de uma mudança de regime: o território da intimidade, onde imperava o segredo e o pudor, torna-se um palco no qual cada um encena o show de sua própria personalidade (SIBILIA, 2008).

Por fim, para concluir essas observações sobre a subjetividade contemporânea emergente, convém mencionar o trabalho desenvolvido pela professora do MIT Sherry Turkle, já há mais de vinte anos, sobre os efeitos identitários das experiências *on-line*. Seu interesse está direcionado para o aspecto subjetivo da tecnologia, ou seja, não aquilo que ela faz por nós, mas sim o que faz conosco. Em sua leitura, as novas gerações estariam cada vez mais vivendo em uma espécie de cultura da simulação, na qual a realidade, com sua complexidade e imprevisibilidade (especialmente as relações humanas), é vivenciada de maneira artificial, sem a mesma profundidade, no interior de ambientes controlados. Esse novo conforto e bem-estar, contudo, cobraria um preço talvez alto demais: ele nos faz ficar cada vez mais acostumados com experiências mais pobres do que aquelas providas pela vida real, vivendo relações meramente "simuladas" e criando um novo eu que é também uma simulação de si mesmo. As novas tecnologias, embora nos ofereçam muito daquilo que desejamos, podem estar nos diminuindo como seres humanos, fazendo com que invistamos cada vez menos em nossas relações uns com os outros. Segundo Sherry Turkle, merecemos mais do que aquilo que a tecnologia nos oferece, e ainda está em tempo de alterarmos o rumo da nascente sociedade interconectada, para que ela venha a servir aos nossos propósitos em vez de simplesmente nos agradar, deixando-nos "bem", mas com consequências devastadoras para a riqueza de nossas experiências subjetivas (TURKLE, 2005; TURKLE, 2011).

xxx
↓
Porta
do
Fundo
Vida

Referências

- BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Tradução de Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DEIBERT, Ronald J. *Black code: surveillance, privacy, and the dark side of the internet*. Toronto: McClelland & Stewart, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société: cours au Collège de France, 1976*. Paris: Seuil/Gallimard, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. 2 v. Paris: Gallimard, 2001. Collection «Quarto».
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Sécurité, territoire, population: cours au Collège de France, 1977-1978*. Paris: EHESS/Seuil/Gallimard, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Surveiller et Punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.
- HARDING, Luke. *The Snowden files: the inside story of the world's most wanted man*. Vintage, 2014.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005.
- HIMANEN, Pekka. *The hacker ethic and the spirit of the information age*. New York: Random House, 2001.
- LEMOS, André. Mídias locativas e vigilância. Sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais. In: BRUNO, F.; KASHIMIRO, M.; FIRMINO, R. *Vigilância e visibilidade: espaço, tecnologia e identificação*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-93.
- LEMOS, Ronaldo. *Direito, tecnologia e cultura*. Ed. FGV, 2005.
- LESSIG, Lawrence. *Code: version 2.0*. New York: Basic Books, 2006.

- LÉVY, Pierre. *Cyberculture*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1997.
- LÉVY, Pierre. *L'intelligence collective: pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1994.
- LÉVY, Pierre. *Les arbres de connaissances*. Paris: La Découverte, 1992.
- LÉVY, Pierre. *Les technologies de l'intelligence*. Paris: La Découverte, 1990.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- PARISER, Eli. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SILVA, Regina Helena Alves da (Org.). *Ruas e redes: dinâmica dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- TURKLE, Sherry. *Alone together*. New York: Basic Books, 2011.
- TURKLE, Sherry. *The second self: computers and the human spirit*. Twentieth Anniversary Edition. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press, 2005.